

O agravamento da crise moral dos EUA

Jeffrey D. Sachs
Valor, 01.10.2010

A América continuará sendo uma sociedade rica por um longo período de tempo, mas será uma sociedade cada vez mais dividida e instável. Medo e propaganda podem conduzir a mais guerras internacionais lideradas pelos EUA, como aconteceu na década passada

A crise política e econômica da América deverá se agravar após as próximas eleições de novembro. O presidente Barack Obama perderá qualquer esperança de aprovar uma legislação progressista que tenha por alvo ajudar os pobres ou o ambiente. Na verdade, todas as principais leis e reformas provavelmente ficarão paralisadas até 2013, depois de uma nova eleição presidencial. Uma situação já difícil, marcada por impasse e virulência, provavelmente se agravará, e o mundo não deve esperar muita liderança dos Estados Unidos, amargamente divididos.

Grande parte da América está num astral sórdido, e a linguagem da compaixão foi mais ou menos abandonada. Os dois partidos políticos servem seus ricos contribuintes de campanha, enquanto proclamam que defendem a classe média. Nenhum partido sequer menciona os pobres, que agora oficialmente compõem 15% da população, mas que na verdade são ainda mais numerosos, quando contamos todos aqueles domicílios que se debatem com serviços de saúde, habitação, empregos e outras necessidades.

O Partido Republicano emitiu recentemente um "Compromisso com a América" para explicar suas convicções e promessas de campanha. O documento está repleto de absurdos, como a insensata alegação de que impostos elevados e excesso de regulamentação explicam a alta taxa de desemprego da América. Está também abarrotado de propaganda. Uma citação do presidente John F. Kennedy afirma que elevadas alíquotas de impostos podem estrangular a economia, mas Kennedy estava falando há meio século, quando as mais altas alíquotas marginais eram o dobro do que são hoje. Mais importante, a plataforma republicana é desprovida de compaixão.

A América hoje apresenta o paradoxo de um país rico que está desmoronando devido ao colapso dos seus valores básicos. A produtividade dos EUA está entre as mais altas do mundo. A renda média nacional por pessoa é de aproximadamente US\$ 46

mil, suficiente não só para se sustentar, mas também para prosperar. Apesar disso, o país está nos espasmos de uma repulsiva crise moral.

A desigualdade de renda está no seu auge histórico, mas os ricos alegam que não têm nenhuma responsabilidade para com o resto da sociedade. Eles se recusam a ir em auxílio dos necessitados e defendem cortes de impostos a cada oportunidade. Quase todos reclamam, quase todos defendem agressivamente seus próprios interesses tacanhos e de curto prazo, e quase todos abandonam qualquer pretensão de olhar para a frente ou abordar os interesses de outros.

O que passa por debate político americano é uma competição entre os partidos pela concessão de maiores promessas à classe média, principalmente na forma de cortes fiscais de estourar o orçamento, num momento em que o déficit fiscal já supera os 10% do PIB. Os americanos parecem acreditar que têm um direito natural a serviços governamentais sem pagar impostos. No vocabulário político americano, impostos são definidos como uma negação de liberdade.

Houve uma época, não faz muito tempo, em que os americanos falavam em por um fim à pobreza no seu país e no exterior. A Guerra à Pobreza de Lyndon Johnson em meados da década de 1960 refletiu uma era de otimismo nacional e a crença de que a sociedade deveria empenhar esforços coletivos para solucionar problemas comuns, como pobreza, poluição e serviços de saúde. A América nos anos 60 promulgou programas para reconstruir comunidades pobres, para combater a poluição do ar e da água, e para assegurar serviços de saúde para os idosos. Em seguida, as profundas divisões em torno do Vietnã e dos direitos civis, combinadas com uma disparada no consumismo e na publicidade, parece que teriam encerrado uma era de sacrifício compartilhado em prol do bem comum.

Por 40 anos, a compaixão na política retrocedeu. Ronald Reagan conquistou popularidade reduzindo benefícios sociais para os pobres (argumentando que os pobres trapaceavam para receber pagamentos adicionais). Bill Clinton continuou esses cortes na década de 1990. Hoje, nenhum político sequer ousa mencionar ajuda às pessoas pobres.

Os grandes contribuintes das campanhas dos dois partidos pagam para garantir que seus interesses pessoais dominem os debates políticos. Isso significa que os dois partidos defendem cada vez mais os interesses dos ricos, embora os republicanos procedam assim ligeiramente mais do que os democratas. É improvável que mesmo um modesto aumento de impostos sobre os ricos encontre apoio na política americana.

O resultado de tudo isso provavelmente será um declínio prolongado do poderio e da prosperidade dos EUA, pois os americanos não investem mais coletivamente no seu futuro comum. A América continuará sendo uma sociedade rica por um longo período de tempo, mas será uma sociedade cada vez mais dividida e instável. Medo e propaganda podem conduzir a mais guerras internacionais lideradas pelos EUA, como aconteceu na década passada.

E o que está acontecendo na América provavelmente se repetirá nos demais lugares. A América está vulnerável ao colapso social porque é uma sociedade extremamente heterogênea. Racismo e sentimentos anti-imigrantes são uma parte importante do ataque movido contra os pobres, ou pelo menos o motivo que explica porque tantos estão dispostos a prestar atenção na propaganda contra a ajuda aos pobres. À medida que outras sociedades lidam com suas próprias diversidades crescentes, elas podem seguir os EUA para dentro da crise.

Os suecos recentemente conferiram suficientes votos a um partido de direita e anti-imigrantes para lhe conceder representação no parlamento, refletindo um retrocesso cada vez maior contra o crescente número de imigrantes na sociedade sueca. Na França, o governo de Nicolas Sarkozy tentou reconquistar popularidade junto à classe trabalhadora ao deportar migrantes romenos e búlgaros, um alvo de ódio generalizado e de ataques étnicos.

Os dois exemplos mostram que Europa e EUA são vulneráveis à política da divisão, à medida que nossas sociedades se tornam mais diversificadas etnicamente.

A lição da América é que crescimento econômico não constitui nenhuma garantia de bem-estar ou estabilidade política. A sociedade americana se tornou cada vez mais cruel, um lugar onde os americanos mais ricos compram sua ascensão ao poder político e os pobres são abandonados à sua sorte. Nas suas vidas privadas, os americanos se tornaram viciados no consumismo, que drena o seu tempo, suas economias, sua atenção e sua inclinação para se engajar em atos de compaixão coletiva.

O mundo deve tomar cuidado. A menos que rompamos as repugnantes tendências do grande capital na política e o consumismo desenfreado, correremos o risco de conquistar produtividade econômica à custa da nossa humanidade.

Jeffrey D. Sachs é professor de Economia e diretor do Instituto da Terra na Universidade Columbia. É também assessor especial do secretário-geral das Nações Unidas sobre as Metas de Desenvolvimento do Milênio. Copyright: Project Syndicate, 2010.